

A bagagem profissional de estudiosos da tradução Relatório de uma pesquisa¹

Esther Torres-Simón e Anthony Pym²

RESUMO: Uma pesquisa com 305 estudiosos da tradução mostra que 96% deles já traduziram ou interpretaram “regularmente”, com tradução/interpretação sendo ou tendo sido a atividade principal ou secundária de 43% deles. Eles também parecem mudar-se com frequência (71% passaram mais de um ano em outro país sem ser o seu) e trazem bagagens acadêmicas e profissionais diversas (33% não estavam engajados na tradução ou interpretação quando tinham vinte e poucos anos). Esses dados indicam que estudiosos da tradução não apenas têm experiências consideráveis na prática de tradução, mas também apresentam uma vasta gama de bagagens profissionais e culturais. Perguntados sobre as relações desejáveis entre trabalhos acadêmicos e prática profissional, os entrevistados indicaram benefícios para ambos os lados (apesar de uma pequena maioria salientar uma relação unidirecional em que o trabalho acadêmico se beneficia da prática profissional), sendo o ensino frequentemente indicado como a ligação entre os dois. No entanto, aproximadamente um quarto dos estudiosos indicaram que *não precisa haver* uma relação entre estudos acadêmicos e prática profissional.

Palavras-chave: estudiosos da tradução; relação entre pesquisa-atuação prática; tradução profissional; sociologia de pesquisa.

1. Introdução

Tradutores e intérpretes praticantes tendem a ter muito pouca consideração por aqueles que realizam pesquisas sobre suas atividades. No livreto *Translation. Getting it Right, A Guide to Buying Translation* (“Tradução. Acertando de cara, um guia para a compra de traduções”) de Chris Durban (edição revisada, 2011, p. 15) encontramos um enorme aviso: “Professores, acadêmicos e alunos: por sua conta e risco”, o que não apenas supõe que acadêmicos e professores estão no mesmo barco que seus alunos, mas que nenhum dos três sabe realmente como traduzir. Apenas um pouco menos ásperos são pressupostos como os gracejos de Peter Newmark, adaptados do libelo de Shaw contra professores: “Aqueles que conseguem, escrevem; aqueles que não conseguem, traduzem; aqueles que não conseguem traduzir escrevem sobre tradução” (NEWMARK,

¹ Título original “The professional backgrounds of translation scholars. Report on a survey”. Publicado originalmente na revista *Target* 28/1, 2016. Traduzido e publicado em português com a gentil permissão da John Benjamins Publishing Company, Amsterdã/Filadélfia [www.benjamins.com]. Tradução de Isabella Leite, Paula Vianna e Adauto Villela. Este artigo foi traduzido no âmbito do projeto de extensão *Traduções Acadêmicas* do Bacharelado em Tradução da FALE-UFJF, coordenado pela Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes e o Prof. Dr. Adauto Villela, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Professores doutores, membros do Intercultural Studies Group (Grupo de Estudos Interculturais), Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha.

1988, p. 2). Alguns comentários menos incisivos podem ser encontrados no diálogo entre Andrew Chesterman e Emma Wagner (2002), notável porque os dois autores escrevem como se tivessem trabalhos completamente diferentes, um como acadêmico e a outra como tradutora, com pouco espaço para qualquer coisa como o “praticante pesquisador”, o praticante que também pesquisa, identificado por Gile (1994, p. 150) há 20 anos. A subjacente *mésentente* ainda é formulada em termos de “prática” versus “teoria”, como se a institucionalização dos Estudos da Tradução não tivesse sido baseada em duas outras atividades, isto é, pesquisa e ensino, as quais deveriam servir para complicar a dicotomia tradicional. E mesmo quando esses termos intermediários são reconhecidos, então os mantras às vezes passam a ser afirmações de que a pesquisa aborda problemas irreais e os estagiários não estão preparados para as realidades do mercado, de modo que a acusação subjacente continua sendo a de que pesquisadores e professores não trabalharam o suficiente como tradutores ou intérpretes de verdade.

Um aspecto notável nos desacordos gerais é o modo como os profissionais estão preparados para vociferar as divisões, e os teóricos saltam para teorizá-las, sem quaisquer dados reais sobre os quais basearem as incontáveis suposições. A fim de fornecer alguns números sobre o problema, em 2014 a Sociedade Europeia de Estudos da Tradução encarregou-se de um questionário *online*, que foi respondido por 305 de seus membros, todos eles estudiosos da tradução de um tipo ou de outro. Aqui relatamos os resultados desse questionário. A nossa pergunta principal é muito simples: estudiosos da tradução e de interpretação têm experiência pessoal de realmente traduzir e interpretar? Eis aqui o que encontramos.

2. Metodologia

Entre 22 de janeiro e 24 de fevereiro de 2014, convites para participar da pesquisa online foram enviados para membros pagantes da EST (*European Society for Translation Studies*, Sociedade Europeia de Estudos da Tradução) e para participantes pagantes no 7º Congresso da EST em Germersheim (os dois grupos sobrepondo-se consideravelmente). Esses grupos foram visados porque, nos dois casos, podíamos presumir que os participantes estivessem suficientemente comprometidos com os Estudos da Tradução a ponto de pagar uma taxa (para a filiação, o congresso ou os ambos). O efeito “bola de neve” foi descartado. O número estimado foi de 683 estudiosos da tradução, a maioria dos quais trabalha na Europa. No total, 305 respostas foram recebidas. Uma vez que a taxa de retorno foi menor que 50%, pode-se supor um peso maior a favor dos estudiosos que tinham alguma experiência em tradução sobre a qual falar.

O questionário abrangia apenas 10 perguntas, a maioria das quais nós analisamos em termos de estatística descritiva simples (ver Anexo). Havia também uma pergunta de resposta livre, a qual será analisada nos termos dos argumentos principais relacionando pesquisa, prática profissional e ensino.

3. Perfil de amostra do questionário

3.1. Sexo, país e idade

Setenta por cento dos 305 entrevistados eram mulheres, o que está aproximadamente em sintonia com a própria tradução profissional, onde se estima que o número de mulheres seja de “70% ou mais” (Pym *et al.*, 2012, p. 3). Localizavam-se em 51 países, principalmente na Europa: os países mais representados foram a Alemanha, Finlândia, Espanha, Reino Unido e a Itália, nessa ordem. Isso, em linhas gerais, segue a ordem dos países mais bem representados entre os associados da EST (a Finlândia está,

não obstante, sobrerrepresentada na pesquisa). As idades variaram de 22 a 80 anos, com a maioria dos entrevistados estando entre os trinta e os quarenta (ver Figura 1).

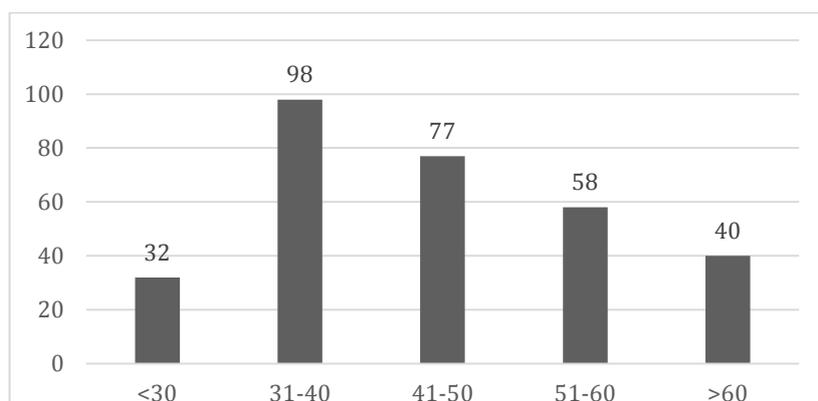


Figura 1. Distribuição dos entrevistados por idade (212 mulheres e 93 homens, idades de 22 a 80 anos).

3.2. Mobilidade internacional

Quando pedidos para enumerar os países onde viveram por “mais de um ano”, apenas 29% dos estudiosos responderam só um país, 40% viveram em dois, outros 22% em três e o restante em mais. Então, nesse sentido, 71% deles podem ser chamados de “internacionalmente móveis”. Isso indicaria uma propensão relativamente elevada à mobilidade. No entanto, não temos dados que permitiriam uma comparação precisa entre tradutores e intérpretes não acadêmicos. O nível de mobilidade, contudo, parece ser mais elevado do que o de pesquisadores em geral: um relatório da Comissão Europeia indica que apenas 56% dos pesquisadores de Instituições de Ensino Superior da Europa são “internacionalmente móveis”, onde “móvel” é definido como tendo “trabalhado por pelo menos três meses em um país diferente daquele em que cursou o ensino superior” (Comissão Europeia, 2010, p. 72), o que fixa um padrão consideravelmente mais baixo do que o nosso.

3.3. Formação acadêmica

A última seção da pesquisa, sobre a formação acadêmica dos entrevistados, foi concluída por apenas 274 de um total de 305 entrevistados. Embora não tenhamos nenhum indício sobre a razão de 31 pessoas decidirem não responder, a amostra resultante indica um grupo de profissionais altamente qualificados: daqueles que possuem uma formação acadêmica em tradução e que especificaram o grau de sua formação (185 entrevistados), 50% tinham doutorado, 3,5% estavam com um doutorado em andamento e mais de 34% tinham mestrado.

Apenas 68% dos 274 estudiosos que responderam esta seção relataram ter uma “graduação em tradução ou interpretação”, o que pode ser considerado surpreendentemente baixo. Apesar disso, esse número é mais alto do que um resultado comparável para tradutores profissionais: a *Société Française des Traducteurs* (Sociedade Francesa de Tradutores), em um levantamento com os seus 1.377 membros, relatou que apenas 61% desses têm ensino superior em tradução ou interpretação (SFT, 2010, p. 10). No entanto, o número de estudiosos com graduação em tradução é particularmente alto entre aqueles abaixo de 40 anos (Tabela 1). Na maioria dos casos, essa relação pode ser atribuída à falta de cursos de formação de tradutores nos anos em que os estudiosos estavam na universidade. Havia apenas 108 cursos de nível superior em tradução e/ou interpretação em 1980 (Caminade e Pym, 1998), comparados com os mais de 500 em 2015 (EST 2015). Isso significa que o crescimento no número de cursos

ainda está em progresso na comunidade acadêmica: quanto mais velho você for, menos provável você ter tido uma formação acadêmica em tradução ou interpretação.

	< 30	30 - 39	40 - 49	50 - 59	≥60
Sim	95 (21)	86 (72)	63 (45)	50 (30)	53 (19)
Não	5 (1)	14 (12)	38 (27)	50 (30)	47 (17)

Tabela 1. “Você tem graduação em tradução ou interpretação?” Porcentagens de 274 respostas organizadas por idade, com os números brutos das respostas entre parênteses.

A ausência relativa de formação também pode explicar em parte por que apenas 67% dos 274 entrevistados que responderam a essa pergunta relataram “trabalhar nos Estudos da Tradução ou com tradução ou interpretação” quando tinham vinte e poucos anos. Isto é, 33% estavam fazendo outras coisas, um número que é bem similar aos dados da *Société Française des Traducteurs*, em que 38% dos tradutores também começaram sua carreira fazendo alguma outra coisa sem ser a tradução (SFT, 2010, p. 11). Então, o que estavam fazendo os outros 91 estudiosos? A divisão é esclarecedora quanto aos tipos de atividades que podem contribuir para o interesse na tradução: 29% deles estavam estudando línguas e linguística, 20% estavam ensinando, 14% estavam estudando (aparentemente em nível de doutorado), 8% estavam na área de “economia e finanças”, outros 8% indicaram “literatura” e, em seguida, vem uma grande lista de atividades menos frequentes, incluindo “arte”, jornalismo, “animais”, turismo, antropologia, arqueologia, construção, engenharia, produção de filmes e forças armadas.

4. A natureza do trabalho de tradução

Aqui examinamos as características gerais do trabalho de tradução feito pelos estudiosos e, em seguida, cada tipo de atividade por vez.

4.1. Atividades de tradução em geral

Perguntamos aos estudiosos se “já traduziram regularmente?” e demos a eles cinco opções: *Nunca, como trabalho não remunerado, como parte de uma outra atividade remunerada, como atividade secundária remunerada, como atividade primária (para subsistência), e outras*. Nenhuma restrição foi colocada na expressão “regularmente”, e permitimos aos entrevistados escolherem até três opções, já que muitos deles tinham se empenhado em diferentes tipos de tradução, em momentos diversos de suas carreiras. O número de entrevistados que respondeu essa pergunta foi de 296. Já que apenas 13 dos entrevistados (4%) escolheram *nunca* e, logicamente, essa opção exclui as outras automaticamente, inferimos que 283 estudiosos, que são 96% dos que responderam à pergunta, teriam traduzido regularmente.

Os números das respostas estão indicados na Figura 2. Tradução (daqui em diante, entendida também como interpretação) havia sido uma *atividade secundária remunerada* para 168 dos 296 estudiosos que responderam a essa pergunta (57%), o que talvez não seja uma surpresa, já que a tradução constitui uma atividade que é bem facilmente realizada em conjunto com o trabalho acadêmico em algumas situações. O que é mais interessante, no entanto, é que a tradução havia sido uma *atividade primária remunerada* para 127 dos entrevistados (cerca de 43% daqueles que responderam à pergunta), o que significa que um número grande de estudiosos passou em algum momento da tradução profissional para o trabalho acadêmico.

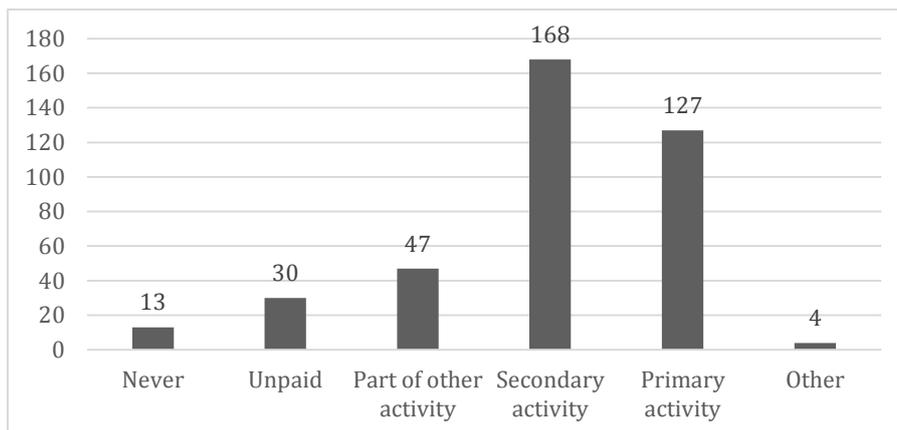


Figura 2. “Você já traduziu (ou interpretou) regularmente? Escolha até três opções.” Números de menções, de cada tipo de atividade, feitas pelos 296 entrevistados que conjuntamente deram 389 respostas.

Estávamos interessados em saber como a tendência para traduzir se relacionava com o percurso profissional dos estudiosos. Tínhamos dois índices para isso: número de artigos acadêmicos publicados (Tabela 2) e idade informada (Tabela 3). Em nenhum dos casos foi possível estabelecer um padrão nítido para a opção *nunca*, devido ao número baixo de respostas válidas. Houve um certo padrão, contudo, para as opções de atividades *primária* e *secundária*, em que os estudiosos com *menos* pesquisas publicadas relataram acentuadamente *mais* envolvimento com aqueles tipos de atividades de tradução (ver números em negrito na Tabela 2). Isso requer interpretação. Os estudiosos mais experientes estavam informando sobre todas suas atividades anteriores, então, em teoria, eles teriam tido *mais* oportunidades para realizar traduções e, mesmo assim, relataram traduzir menos. Dessa maneira, presumimos que a relação não é um fenômeno classificado por idade (isto é, traduzir *não* é algo que as pessoas fazem quando são jovens e menos quando são mais velhas). Isso é em parte confirmado pelas análises por idade (ver Tabela 3), em que os estudiosos de 30 anos ou mais manifestam um padrão nítido: quanto mais velho o entrevistado, menos relata ter traduzido. Em outras palavras, como hipótese de trabalho, a combinação de trabalho acadêmico com tradução como *atividade primária* e *secundária* parece ser uma tendência crescente encabeçada por estudiosos mais jovens.

	0 - 5	6 - 10	11 - 20	21 - 30	>30
Atividade primária	43 (55)	17 (21)	15 (19)	10 (13)	15 (19)
Atividade secundária	32 (53)	22 (37)	17 (29)	12 (20)	17 (29)

Tabela 2. “Você já traduziu regularmente?” Porcentagem de respostas por número de artigos acadêmicos publicados, como atividade primária (127 respostas) e atividade secundária (168 respostas), com o número bruto de respostas entre parênteses.

	< 30	30 - 39	40 - 49	50 - 59	≥60
Atividade primária	8 (11)	31 (40)	27 (33)	22 (29)	12 (14)
Atividade secundária	9 (13)	31 (53)	26 (45)	23 (38)	11 (20)

Tabela 3. “Você já traduziu regularmente?” Porcentagem de respostas por idade, como atividade primária (127 respostas) e atividade secundária (168 respostas), com o número bruto de respostas entre parênteses.

Os dados do questionário também nos permitem examinar os diversos setores de tradução nos quais os estudiosos estavam ativos em cada tipo de emprego. Aqui calcularemos a frequência com que cada setor foi nomeado dentro de cada tipo de

atividade (Tabela 4), mantendo em mente que cada entrevistado poderia selecionar mais de uma atividade (e, claro, mais de um setor de tradução). Os números sugerem um status especial para *trabalho não remunerado*, o qual é o único caso em que *literatura traduzida* é mencionada com mais frequência do que *tradução técnico-científica* (ver números em negrito na Tabela 4). Mais observações sobre esses números serão feitas abaixo, à medida que considerarmos cada tipo de atividade separadamente.

	Primária	Secundária	Parte da principal	Não remunerada
Interpretação de conferência	16 (38)	12 (34)	4 (4)	14 (6)
Interpretação de diálogo	9 (22)	11 (32)	10 (9)	14 (6)
Tradução técnico-científica	36 (81)	36 (105)	38 (36)	23 (10)
Tradução literária	10 (24)	16 (49)	13 (11)	28 (12)
Tradução audiovisual	5 (11)	6 (17)	9 (8)	2 (1)
Localização (L10n)	8 (19)	4 (15)	7 (8)	2 (1)
Outros	16 (38)	15 (45)	19 (20)	17 (7)

Tabela 4. Porcentagem de menções individuais dos setores de tradução dentro de cada tipo de atividade (de um total de 669 menções), com o número bruto de menções entre parênteses.

Em relação aos números de anos gastos em cada tipo de atividade, a Tabela 5 indica que quanto menor a dependência da tradução como subsistência (movendo-se para a direita na Tabela), menor será o número de anos de dedicados à atividade. Em outras palavras, os períodos mais longos englobam a tradução como atividade *primária* ou *secundária* (sendo 31% e 33% das respostas em cada categoria, respectivamente).

	Primário	Secundário	Parte de uma principal	Não remunerado
0 - 1	4 (5)	8 (13)	2 (1)	22 (6)
2 - 5	39 (47)	32 (49)	51 (21)	37 (10)
6-10	26 (31)	27 (41)	20 (8)	15 (4)
>10	31 (37)	33 (51)	27 (11)	26 (7)

Tabela 5. Anos gastos em atividades de tradução, como porcentagem dentro de cada tipo de atividade (de um total de 344 menções), com o número bruto de menções entre parênteses.

Também estávamos interessados nos diferentes setores de tradução que eram combinados pelos estudiosos. Para isso, pegamos os setores selecionados como *atividade primária* e, então, calculamos a porcentagem de estudiosos que combinavam cada um deles com outras atividades. Por exemplo, 38 estudiosos indicaram *interpretação de conferência* como *atividade primária*, mas 61% destes (23) também faziam *tradução técnico-científica* ao mesmo tempo, 45% *interpretação de diálogo*, 18% *tradução literária*, 13% *tradução audiovisual* (TAV) e 8% *localização* (L10n) (ver Tabela 6 – como a maioria dos estudiosos combinavam atividades, a porcentagem somou mais de 100). Na verdade, apenas 23% (8) dos 38 intérpretes de conferência faziam apenas interpretação de conferência, um achado que é compatível com o de Brown (2002) que relata que quase 70% dos 374 membros da AIIC (*Association Internationale des Interprètes de Conférence*, Associação Internacional de Intérpretes de Conferência) tinham também produzido traduções escritas profissionalmente. A ideia geral obtida é que existem muito poucos tradutores acadêmicos que trabalham apenas em um setor e que praticamente todos eles já teriam feito tradução técnico-científica em uma fase ou outra. Observamos também uma coocorrência compreensível entre *interpretação de conferência* e *de diálogo*, e uma aparente incompatibilidade entre

localização e interpretação de diálogo, tradução literária ou audiovisual (embora apenas 19 estudiosos selecionaram *localização* como sua *atividade primária*).

	Int. conf.	Int. Diál.	Técnica	Literária	TAV	L10n	Nenhu m
Interpretação de conferência (38)	[100]	45 (17)	61 (23)	18 (7)	13 (5)	8 (3)	23 (8)
Interpretação de diálogo (22)	77 (17)	[100]	77 (17)	32 (7)	18 (4)	0	0
Técnico-científica (81)	28 (23)	21 (17)	[100]	17 (14)	6 (5)	17 (14)	21 (17)
Tradução literária (24)	29 (7)	29 (7)	58 (14)	[100]	21 (5)	0	17 (4)
Audiovisual (TAV) (11)	45 (5)	36 (4)	45 (5)	45 (5)	[100]	0	9 (1)
Localização (L10n) (19)	16 (3)	0	74 (14)	0	0	[100]	21 (4)

Tabela 6. “Que tipo de tradução você realizava quando traduzir fazia parte de sua atividade primária?”
Porcentagem de estudiosos em cada setor primário que também trabalhava em outro setor de tradução ao mesmo tempo, com o número bruto de menções entre parênteses.

Agora iremos analisar cada atividade separadamente.

4.2. Tradução como uma atividade primária

Perguntamos aos entrevistados que relataram que a tradução era ou tinha sido sua *atividade primária* que tipo de tradução costumavam fazer e por quanto tempo. Um total de 127 estudiosos marcou esta opção, podendo selecionar quantos tipos de tradução quisessem. No total, obtivemos 233 respostas.

Com respeito ao tipo de tradução, a mais mencionada foi *tradução técnico-científica* (36%), seguida pela *interpretação de conferência* (16%), *tradução literária* (10%), *interpretação de diálogo* (9%), *localização* (8%) e *tradução audiovisual* (5%). A categoria *outs* suscitou menção de tradução jurídica, arte, educação, finanças, marketing e religião.

Talvez mais surpreendente seja a duração de cada uma dessas atividades como *primária*: o tempo mais curto dedicado à tradução foi de seis meses e o mais longo, de 40 anos, mas 57% das respostas (68 estudiosos) indicaram períodos de mais de seis anos, incluindo 31% com mais de dez. Percebemos que o grupo de estudiosos que exerceu a tradução como *atividade primária* por mais de dez anos inclui uma porcentagem marcadamente mais baixa de mulheres (54%, comparados com os 70% da amostra como um todo).

O envolvimento profissional com a tradução e a interpretação parece não ter um efeito fortemente negativo na produção acadêmica: 15% de todo o grupo que exerceu a tradução como uma *atividade primária* (127 entrevistados) publicaram mais de 30 artigos, comparados com os 12% de nossa amostra como um todo (274 entrevistados). E, novamente, este é um grupo mais velho (já que se levam anos para publicar tantos artigos). Para compensar esse efeito, se pegarmos apenas os 159 estudiosos de 40 anos ou mais, encontramos que 31% deles publicaram individualmente mais de 30 artigos. Entre esses 159 estudiosos mais velhos, dos 69 que exercem a tradução como *atividade primária*, 26% têm mais de 30 artigos publicados. Então o comprometimento com a tradução como *atividade primária* poderia ser associado com uma queda de 5% na produção acadêmica, o que é bem compreensível.

4.3. Tradução como atividade secundária remunerada

Um total de 168 entrevistados indicou que a tradução era ou tinha sido uma *atividade secundária remunerada* para eles, e esta foi, de fato, a resposta mais frequente (ver Figura 2). Os tipos de tradução são comparáveis com aqueles de *atividade primária* (ver Tabela 4), embora ainda haja um pequeno declínio em *interpretação de*

conferência e localização (de quatro menções em cada caso), que são, supostamente, atividades dependentes uma da outra. Existe, também, um aumento significativo (de 25 menções) em *tradução literária*, o que também é bastante compreensível: se sua renda principal vier de um trabalho em uma universidade, você pode se permitir fazer tradução literária. Notamos que uma pesquisa realizada pelo *Conseil Européen des Associations de Traducteurs Littéraires* (Conselho Europeu de Associações de Tradutores Literários) constatou que a renda dos tradutores literários na Europa fica apenas entre 40% e 67% do que recebe um trabalhador industrial (FOCK *et al.* 2008, p. 69).

O interessante é que o número de anos dedicados à tradução como *atividade secundária* é similar àqueles de *atividade primária* (ver Tabela 5), com uma notável predominância no comprometimento a longo prazo, de mais de 10 anos (33% e 31% dentro das duas categorias, respectivamente). Essas não foram atividades transitórias.

4.4. Tradução como parte de uma atividade principal

Apenas 44 de 47 entrevistados que relataram que a tradução era “parte de uma atividade principal” indicaram qual era a atividade. Esses 44 afirmaram que a maioria desse tipo de trabalho (59% de menções) foi no campo da educação (ver Tabela 7). Em outras palavras, estes estudiosos traduziram como parte de seu trabalho na universidade, seja para eles mesmos ou para outras pessoas. No entanto, houve vários outros setores envolvidos: comércio e finanças (20%), “arte” (6%), administração (5%), “recursos humanos” (5%) e “indústria pesada” (5%). Já que essas descrições foram dadas pelos próprios entrevistados, fica mais difícil categorizá-las com certa segurança. Contudo, é aceitável suspeitar que “administração” e “recursos humanos” também poderiam estar dentro do sistema da universidade, aumentando a porcentagem de “educação”.

Isso, por sua vez, poderia explicar por que a porcentagem da tradução “técnico-científica” é, na verdade, maior aqui do que para tradução como *atividade primária* ou *secundária* (38% comparado com 36%, ver Tabela 4), já que o material é, principalmente, de educação ou de pesquisa.

Educação	Comercial	Arte	Administração	Recursos humanos	Indústria pesada	Total
59 (26)	20 (9)	6 (3)	5 (2)	5 (2)	5 (2)	100 (44)

Tabela 7. “Em qual ou quais campos se concentrava sua atividade principal?” Porcentagem de 44 entrevistados para quem a tradução foi a principal atividade e que declarou qual era a atividade principal, com o número bruto de menções entre parênteses.

Em relação ao número de anos envolvidos, o tempo gasto nesse tipo de atividade tem uma predominância de um intervalo entre dois a cinco anos (51%), o que é significativamente menor do que no caso das traduções como *atividade primária* ou *secundária* (39% e 32% nesse mesmo intervalo). Notamos, no entanto, que 27% dos entrevistados indicaram aqui um envolvimento de mais de dez anos.

4.5. Tradução apenas como trabalho não remunerado

Os 30 entrevistados que relataram ter feito apenas tradução como trabalho não remunerado indicaram que a maioria deste foi *Tradução literária* (28%), seguido por *Tradução técnico-científico* (23%), como pode ser visto na Tabela 4. Todos os outros setores foram, contudo, mencionados: 14% interpretação de diálogo, 14% interpretação de conferência e 2% tradução audiovisual e localização respectivamente, e o maior número de respostas foi, na verdade, para a categoria *Outros* (17%), o que suscitou menção de tradução de música, folhetos e assim por diante.

Os anos de comprometimento foram baixos para esse tipo de atividade em comparação com as outras, com 22% em menos de um ano, e mais de 37% entre dois e cinco anos (Tabela 5). Isto indicaria que o trabalho não remunerado é um fenômeno mais transitório, e a maioria das respostas, aqui, indica que é ou foi realizado “ocasionalmente”. Mesmo assim, sete entrevistados indicaram *atividade não remunerada* por mais de 10 anos, o que é um empreendimento significativo. Existem aqui alguns sinais de comprometimento comunitário, como a menção a ONGs e trabalho para um “pequeno vilarejo na Hungria que não podia pagar por uma tradução regular”.

4.6. Outros tipos de atividades

Apenas quatro entrevistados relataram tipos de atividades diferentes das propostas por nós. Foram elas: auto tradução (2 casos), revisão de tradução (1) e “interpretação para a família” (1). Quando especificado, todas essas atividades haviam sido realizadas por mais de dez anos.

5. Relações apontadas entre tradução e trabalho acadêmico

Pedimos aos entrevistados que respondessem a duas perguntas livremente: “Existe alguma relação importante entre seu trabalho acadêmico e sua atividade de tradutória? Deveria haver alguma?” Recebemos, no total, 252 respostas, que foram analisadas com base nos principais valores expressados. Mesmo sendo livres, sem *nenhum* modelo proposto para escolher, a maioria dos entrevistados *começou* com “Sim” ou “Não”, e assim fizeram nas duas questões. A categorização inicial das respostas, aqui, não ofereceu problemas. Para 74% dos 252 entrevistados, havia de fato uma relação importante entre seu trabalho acadêmico e sua atividade tradutória, embora 19% tenham respondido que não e o restante indicado que relação não era forte.

Os tipos de conexões e formas de raciocínio encontrados nas respostas livres foram um tanto variados. Por exemplo, alguns entrevistados apontaram uma distinção entre realidade possível e desejo pessoal: “Elas [atividade acadêmica e tradutória] podem nutrir uma à outra, mas ainda as encaro como atividades totalmente separadas.” E paralelamente: “Prefiro tentar mantê-las separadas, para garantir um refúgio de fazer ‘alguma outra coisa’.” Outros viram a relação não como um fluxo de conhecimento ou habilidades de uma atividade para a outra, mas, de forma mais banal, como pesquisadores estudando o que os tradutores fazem: “Sim, existe [uma relação] (pesquisa no local de trabalho, processos cognitivos da tradução, competência tradutória e experiência (aquisição)).” Outra resposta direta foi que havia uma relação por causa dos textos acadêmicos traduzidos.

Entre essas posições extremas e/ou banais, houve alguns argumentos repetidos com certa frequência por diferentes entrevistados, tanto a favor como contra uma relação geral. Apresentaremos aqueles primeiro.

5.1. Relações positivas entre trabalho acadêmico e atividades tradutórias

Tentamos categorizar as inúmeras respostas que apontam uma relação benéfica (e, portanto, “positiva”) entre trabalho acadêmico e prática profissional. Fizemos isso com base nos fluxos implícitos entre três termos: “prática”, “trabalho acadêmico” (muitos entrevistados disseram “teoria”) e “ensino”, este último emergindo como terceiro termo das próprias respostas. A maneira como esses fluxos são descritos pode ser analisada como “tipos de argumentos”, listados na Tabela 8.

Número	Tipo de argumento
51 (56)	A prática informa o trabalho acadêmico.
23 (25)	A prática e o trabalho acadêmico estão ligados pelo ensino.
14 (16)	A prática informa o trabalho acadêmico, e o trabalho acadêmico informa a prática.
12 (13)	O trabalho acadêmico informa a prática.

Tabela 8. Porcentagens dos tipos de argumento mais frequentes entre os entrevistados que disseram haver uma relação *positiva* importante entre tradução e trabalho acadêmico (110 entrevistados), com o número bruto de menções entre parênteses.

Apresentamos aqui afirmações representativas para cada relação.

5.1.1 A prática informa o trabalho acadêmico.

Na maioria dos casos, considera-se que o trabalho acadêmico (o qual pode envolver tanto o ensino quanto a pesquisa) usa a prática tradutória como fonte. Não existe nenhum fluxo aparente na *outra* direção, dos estudos acadêmicos à prática. O fluxo de informação ou de influência é visto de várias maneiras:

A prática tradutória proporciona uma estrutura adequada para análise.

“Trabalhar como profissional ajuda a interpretar corretamente os dados teóricos.”

“Um estudioso da tradução deveria estar familiarizado com a prática/o mercado da tradução.”

“É desejável que o trabalho acadêmico não perca a relação com a realidade profissional.”

“[...] vendo a tradução como algo sociocultural em lugar de algo apenas linguístico; vendo a TQA [análise de qualidade de tradução] como problemática.”

A prática tradutória proporciona temas e dados para pesquisa.

“Ajuda a entender em qual campo a pesquisa é necessária.”

“A minha pesquisa é baseada em questões geradas na minha atividade tradutória.”

“Muitos de meus artigos se originaram de algo que aconteceu enquanto estava trabalhando.”

“Uso as minhas próprias traduções como dados.”

A prática tradutória proporciona estudo de casos.

“A prática é uma boa fonte de estudo de casos.”

“A minha atividade de interpretação voluntária é o estudo de caso da minha tese de doutorado.”

“Por vezes escrevo sobre os poemas que traduzo.”

A prática tradutória ajuda a fazer contatos.

“Trabalho como intérprete, e muitos de meus colegas foram informantes em meus projetos.”

“Na minha pesquisa também recorro à minha experiência como tradutor profissional, p. ex., para encontrar novas áreas de pesquisa, recrutar participantes, fazer contatos.”

“Minha experiência como tradutor audiovisual e os contatos no campo profissional muito me ajudam em minha pesquisa.”

A prática tradutória motiva a pesquisa.
“[...] pode ser um propulsor motivacional.”

A prática tradutória dá credibilidade à pesquisa.
“A atividade tradutória também parece contribuir para a minha credibilidade com os participantes da pesquisa, como tradutores profissionais e LSPs [provedores de serviços de linguagem].”

5.1.2. A prática e o trabalho acadêmico estão ligados pelo ensino.

O segundo tipo de argumento principal envolve o papel do ensino enquanto atividade mediadora:

“Acredito que exista uma relação em termos de minha capacidade de ensinar meus alunos de forma crível, informando-os sobre as realidades da vida profissional! ;)”

“Minhas aulas ganham credibilidade graças aos muitos exemplos que extraio da minha experiência pessoal enquanto tradutora.”

“Eu não gostaria de ensinar algo que não tivesse feito.”

“Em um nível psicológico, também ajuda se as identidades de trabalho e pesquisa do pesquisador se sobrepuserem, o que pode deixá-lo mais seguro e ‘completo’.”

5.1.3. A prática informa o trabalho acadêmico, e o trabalho acadêmico informa a prática.

Em muitos argumentos, essa relação é vista como uma via de mão-dupla:

“Nenhum tipo de lacuna entre a teoria e a prática.”

“A prática se beneficia de teorias adequadas; a teoria é estéril sem o suporte de exemplos práticos (textos, situações, estratégias), e os estudos acadêmicos investigam a relação entre esses dois campos.”

“Mesmo a mais filosófica das teorias em tradução, que não parecem ter nada em comum com a ‘vida real’, ajudam os tradutores a compreender a difícil tarefa de traduzir e interpretar. Elas ajudam a analisar os problemas e a considerar vários aspectos do próprio trabalho. Toda teoria tradutória está, de algum modo, conectada a aspectos práticos da tradução. A questão de saber se existiria alguma relação entre teoria e prática é bastante limitada, pois, na minha opinião, a relação está sempre presente.”

5.1.4. O trabalho acadêmico informa a prática.

Houve um número ligeiramente menor de argumentos nos quais se atribui ao trabalho acadêmico, sozinho, um papel ativo a respeito de atividades de tradução:

“Sempre tento aplicar os resultados da minha pesquisa em tradução na prática tradutória, para torná-la melhor, mais eficiente, etc.”

“(A teoria) ajuda a verbalizar os processos e pensamentos, bem como o entendimento do próprio ato de traduzir.”

“Não é possível realizar, de verdade, uma atividade sem refletir sobre seus processos, formação, enquadramento ideológico, etc.”

5.2. Impedimentos à relação entre trabalho acadêmico e atividades tradutórias.

Algumas das respostas, tanto daqueles que veem uma relação e aqueles que não a veem, incluíram razões que explicariam por que não há *mais* interação entre o trabalho

acadêmico e as atividades de tradução. Foram cerca de sete respostas nessa linha de pensamento, número certamente insuficiente para uma distribuição quantitativa significativa. Os argumentos podem ser categorizados como:

5.2.1. O emprego na Universidade trabalha contra as atividades de tradução.

Há indicações de que as funções acadêmicas impedem a prestação de serviços de tradução por causa da falta de tempo, proibições legais e/ou a falta de reconhecimento de que tradução seja um trabalho acadêmico. Esses argumentos são importantes porque sugerem que os acadêmicos gostariam de traduzir mais do que conseguem:

“O sistema do UK REF (Referencial de Excelência em Pesquisa do Reino Unido) subavalia o trabalho de tradução.”

“Sim, até bem pouco tempo, quando tenho traduzido menos (as obrigações acadêmicas me impedindo de fazê-lo).”

“Eu não tinha permissão de conjugar trabalho pago de tradutor com minhas funções acadêmicas. E, na verdade, não dava tempo de fazer isso.”

“Um cargo completo na universidade significa ficar sem tempo para traduzir.”

“A atividade real da tradução informa meu trabalho acadêmico e vice-versa. Contudo, é muito difícil (impossível?) manter um equilíbrio, dada a tendência à especialização e à profissionalização, tanto da tradução (e interpretação) quanto da academia.”

5.2.2. Não há tempo e/ou dinheiro suficientes.

No mesmo padrão, encontramos respostas que indicam outros tipos de restrições de tempo e dinheiro, que podem se tornar fatores preponderantes tanto a favor ou contra a compatibilização das atividades:

“No meu caso, interrompi minhas atividades de intérprete para conseguir conciliar o trabalho acadêmico com a criação dos filhos.”

“Não é possível ganhar a vida só com pesquisa no meu país.”

5.2.3. A tradução oferece um escape ao “trabalho real”.

Por outro lado, há também argumentos que indicam por que alguns participantes, em determinado momento, *desejam* que não exista para eles uma relação entre trabalho acadêmico e tradução, já que, idealmente, uma atividade fornece uma alternativa à outra.

“Embora eu siga cuidadosamente padrões profissionais e éticos, por exemplo, não praticando preços baixos demais, a tradução é uma mudança refrescante no meu trabalho cotidiano.”

“Fico contente de aplicar meu espírito analítico a outras questões.”

5.3. (Não)relações desejáveis entre trabalho acadêmico e atividades tradutórias.

Conforme mencionado, perguntamos também aos participantes se *deveria* haver uma maior relação entre o trabalho acadêmico e as atividades de tradução. Das 205 respostas que abordaram esta questão, somente 51% indicavam que “deveria haver” tal relação, enquanto 26% disseram não ser esse o caso. Isso foi surpreendente, dado que 74% disseram que *havia* uma relação importante entre o próprio trabalho acadêmico e sua atividade tradutória. Isto é, muitos acadêmicos parecem estar dizendo que *há* uma relação benéfica (em suas próprias experiências), mas que *não precisa* haver – mesmo

que nosso questionário usasse o modal “(não) *deveria*”, a lógica das respostas parece seguir o raciocínio do “(não) *precisa*”: a relação *pode* ser benéfica, mas não é condição *sine qua non*.

Se considerarmos a questão de saber se “deveria haver uma relação importante entre o trabalho acadêmico e a atividade de tradução” e, de modo geral, dividirmos as respostas entre *sim*, *não* (entendido como “não precisa”) e *talvez*, a distribuição difere significativamente de acordo com o número de artigos que o estudioso tiver publicado (ver figura 3). 16 dos 22 estudiosos que relataram ter publicado mais que 30 artigos (73%) *não* veem a necessidade de qualquer relação vinculante, embora 9 deles (56%) no mesmo grupo alegassem ter tido a tradução como *atividade primária* e 6 (38%) a descrevessem como *atividade secundária*. Assim, temos um grupo considerável de estudiosos que já fizeram muita tradução e, mesmo assim, não veem como necessária ou desejável a relação entre a experiência tradutória que possuem e próprio trabalho acadêmico sobre tradução. Qual a razão desse aparente paradoxo? Pode-se suspeitar de uma reação automática contra a própria sugestão de obrigação ou “desejabilidade” em geral. Isso estaria em consonância com uma era de reações exageradas contra os estudos prescritivos que costumavam dizer aos tradutores como traduzir (embora, curiosamente, tal prescritivismo não tenha sido mencionado por nenhum dos participantes).

Os verdadeiros argumentos são, todavia, bem mais sutis e podem ser categorizados como:

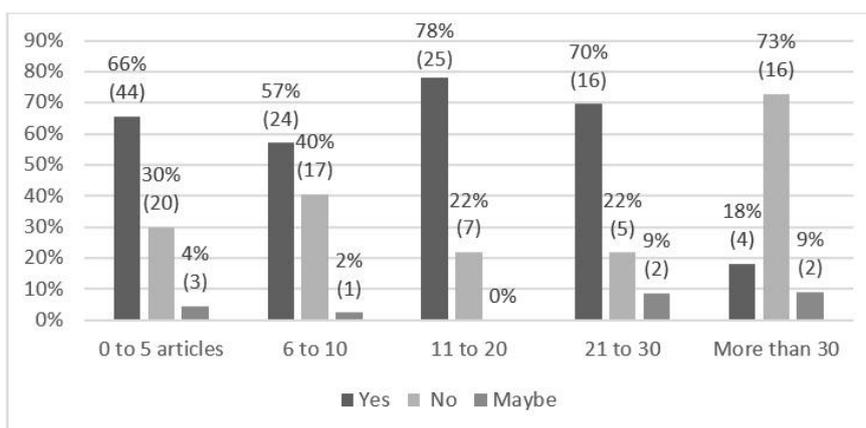


Figura 3. “Deveria haver uma relação importante/essencial entre o trabalho acadêmico e a atividade tradutória?” (186 entrevistados). Porcentagem de respostas *sim*, *não* (“não *precisa*”) e *talvez*, pelo número de artigos publicados, com o número bruto de entrevistados entre parênteses.

5.3.1 Prática e teoria são coisas diferentes.

Uma postura geral procura afirmar a independência e, assim, a pressuposta a objetividade da pesquisa. Os teóricos dos Estudos Descritivos da Tradução certa vez foram acusados de dizer, talvez de maneira apócrifa, que para estudar biologia marinha não é preciso ser um molusco, mas, agora, as principais analogias parecem se dar com a medicina:

“A pesquisa médica também não foca em curar a si mesma.”

“Um psiquiatra precisa ser psicopata? Entretanto, um estudioso da tradução deveria estar informado sobre os fatores da prática tradutória que se relacionam com o seu campo de estudo.”

“Quem pesquisa o câncer não precisa ser paciente com câncer.”

“Uma comparação: musicólogos/críticos literários/críticos de arte podem se aventurar em música/escrita criativa/ pintura, mas isso não é uma qualificação necessária.”

5.3.2. Teoria é teoria.

Uma variante dessa postura é o argumento de que a “teoria” (menos frequentemente, a “pesquisa”) é independente por sua própria natureza:

“Meu interesse é puramente pela teoria e não tanto pela prática.”

“Já que a ciência é uma forma de metarreflexão do objeto de estudo, a ciência não ensina como traduzir.”

“Minha pesquisa é teórica, sem relação imediata com a prática.”

“Eu aplicava algumas das minhas descobertas/pesquisas à minha prática tradutória, embora sentisse um distanciamento entre teoria e prática nas reações de alguns clientes e colegas.”

5.3.3. As relações acontecem somente em alguns campos.

Uma posição compatibilista alega que há tipos específicos de pesquisa que deveriam estar relacionadas com a prática:

“Em geral, deveria haver uma relação entre as duas (em particular na tradução especializada, para se entender as necessidades do mercado e seus limites). Por outro lado, posso imaginar projetos de pesquisa em tradução feitos por estudiosos sem nenhuma bagagem profissional.”

“Para estudos ou experimentos muito orientados à prática, o estudioso deveria, definitivamente, saber como é a real situação no respectivo campo.”

5.3.4. A prática precisa do trabalho acadêmico.

Passando para a esfera das relações desejáveis, encontramos argumentos de que a prática tradutória requer tanto pesquisa quanto reflexão teórica, aparentemente por questões éticas:

“Tradução não é uma atividade eticamente neutra em nenhuma de suas formas.”

“Até a tradução técnica tem profundas implicações éticas.”

“Acredito que precisamos de mais contribuições/esforços de pesquisa que criem um link entre os ramos metodológicos, teóricos/descritivos e aplicados dos Estudos da Tradução para o mútuo benefício de todos eles.”

As respostas não dão nenhuma indicação sobre *por que* o comportamento ético pode requerer estudos acadêmicos, nem quais benefícios verdadeiros advêm desses links.

5.3.5. A pesquisa deveria ser prática

Assim como alguns argumentam que a prática precisa do trabalho acadêmico, outros sustentam que o trabalho acadêmico deveria abordar questões práticas:

“Os Estudos da Tradução são uma disciplina aplicada. Como tal, não pode existir sem um vínculo direto com a própria atividade tradutória nem sem um retorno da mesma.”

“Acredito que, assim, o trabalho acadêmico reflete mais a realidade da tradução e pode ter um impacto melhor.”

“Os Estudos da Tradução teorizam a atividade de tradução. Eu sou tradutora.”

“Sim, como um tipo de evidência empírica.”

5.3.6. Por que perguntar?

Ocasionalmente há respostas que enxergam a própria questão como a manifestação do problema a ser resolvido. Por exemplo:

“A própria questão revela o abismo alarmante que ainda prevalece entre ambas. Minha prática sempre foi uma rica fonte para minha visão teórica, e esta última sempre alimentou e ajudou a desenvolver a primeira.”

A relação, que é ao mesmo tempo óbvia e desejável para esse entrevistado, não é assim tão clara para outros estudiosos – e menos ainda para tradutores não acadêmicos –, razão pela qual pode ter valido a pena fazer nossa pergunta fundamental.

6. Conclusão

Nossa principal conclusão, para os títulos, é que 96% dos estudiosos da nossa amostra (na verdade, dos 296 que responderam aquela questão) já traduziram ou interpretaram regularmente. É possível alegar, *contra* Durban e Newmark, que a vasta maioria dos estudiosos realmente conhece algo sobre o que significa traduzir. Para além desse modo muito prático de interação, entretanto, a relação entre estudos acadêmicos e prática profissional é bem mais complicada. Nossas várias questões e análises nos levam às seguintes conclusões provisórias:

Desde que 43% da nossa amostra indicaram que a tradução já foi uma atividade *primária* remunerada no passado, um grande número de estudiosos transitou, em algum momento, da tradução profissional para o trabalho acadêmico. Isso não quer dizer, é claro, que não havia outras atividades envolvidas. Cerca de um terço da amostra *não* esteve envolvido com nenhum tipo de atividade tradutória ou de interpretação quando estavam na casa dos vinte anos – eles vieram de uma vasta gama de atividades profissionais – e essa bagagem diversificada possivelmente enriqueceu os Estudos da Tradução com uma combinação produtiva de epistemologias e habilidades de pesquisa. Estudiosos mais jovens são, no entanto, mais propensos a terem tido treinamento formal em tradução e, ainda, relatam uma alta tendência para conjugar as atividades tradutórias com o trabalho acadêmico. Isso pode significar que os Estudos da Tradução, na verdade, estão construindo uma relação *mais forte* com as profissões da tradução, embora ao custo de reduzir o conjunto de experiências não tradutórias.

Ao mesmo tempo, não há nenhuma indicação forte de que o envolvimento com atividades tradutórias *precise* impedir a produtividade acadêmica, e há casos de estudiosos, em todos os estágios de suas carreiras, que encontram maneiras de conciliar ambas as atividades. Há, contudo, indicações de que as funções acadêmicas podem dificultar a prestação de serviços de tradução por causa de fatores como a falta de tempo, proibições legais, e/ou a falta de reconhecimento de que tradução como produção acadêmica. Em geral, os estudiosos que tocaram nesses pontos deixaram implícito que gostariam de fazer *mais* tradução do que são capazes de realizar.

Praticamente todos os estudiosos que trabalharam como profissionais da tradução combinaram mais de um setor, exceto por nove estudiosos que trabalharam apenas como intérprete de conferências enquanto atividade *primária*. Infelizmente não temos nenhum estudo comparativo de empregos multissetoriais entre tradutores que não

são acadêmicos, mas algumas pesquisas parciais (agrupadas em Pym *et al.*, 2012, 87-88) sugerem que a diversidade de emprego pode ser similar.

Em suas respostas livres às nossas perguntas sobre a relação entre estudos acadêmicos e atividades tradutórias, 26% dos 254 estudiosos sinalizaram que não *precisa* haver tal relação, mesmo quando declararam existir uma relação benéfica em seus casos pessoais.

Por fim, nosso questionário mapeou apenas a passagem daqueles estudiosos com outras atividades profissionais *para* os Estudos da Tradução, não a via em contrário: não temos dados sobre aqueles que saem dos Estudos da Tradução para outros campos, talvez ainda para tradução, mas também para campos mais abrangentes da pesquisa acadêmica. Pesquisas futuras, como sempre se diz, são necessárias para testar não somente o modo como a tradução profissional contribui para a pesquisa acadêmica, mas também as possíveis influências que os Estudos da Tradução poderiam estar tendo na tradução profissional.

Anexo: Questionário

Detalhes pessoais

- *2. Ano de Nascimento
- *3. Sexo: Masculino, Feminino
- *4. Em qual país você vive a maior parte do ano?

Experiências

*5. Em quais países você já viveu por mais que um ano, incluindo o seu país de residência?

*6. Você já traduziu (ou interpretou) regularmente? Você pode escolher até 3 opções.

Nunca

Somente trabalho voluntário

Como parte de outra atividade principal (secretária, marketing, universitária)

Como atividade secundária remunerada

Como atividade primária remunerada (para subsistência)

Outros (favor especificar)

*Em qual ou quais campos você fez traduções não remuneradas?

- Interpretação de conferência
- Interpretação de diálogo
- Tradução técnico-científica
- Tradução literária
- Tradução audiovisual
- Localização
- Outros (favor especificar)

* Por quanto tempo você realizou traduções não remuneradas?

* Qual ou quais eram os campos de sua atividade principal?

*Que tipo de tradução você fazia quando ela era parte de sua atividade primária? (Você pode selecionar mais de um)

- Interpretação de conferência
- Interpretação de diálogo
- Tradução técnico-científica
- Tradução literária
- Tradução audiovisual
- Localização
- Outros (favor especificar)

*Por quanto tempo você traduziu como parte de outra atividade principal?

*Com qual ou quais campos de tradução você trabalhou quando a tradução era sua atividade secundária?

- Interpretação de conferência
- Interpretação de diálogo
- Tradução técnico-científica
- Tradução literária
- Tradução audiovisual
- Localização
- Outros (favor especificar)

* Por quanto tempo a tradução foi sua atividade secundária?

*Com qual ou quais campos de tradução você trabalhou quando a tradução era sua atividade primária?

- Interpretação de conferência
- Interpretação de diálogo
- Tradução técnico-científica
- Tradução literária
- Tradução audiovisual
- Localização
- Outros (favor especificar)

* Por quanto tempo a tradução foi sua atividade primária?

* Se você tiver escolhido “Outros”, especifique em qual ou quais campos realizava suas atividades de tradução.

- Interpretação de conferência
- Interpretação de diálogo
- Tradução técnico-científica
- Tradução literária
- Tradução audiovisual
- Localização
- Outros (favor especificar)

*Se você tiver escolhido “Outros”, por favor, especifique quantos anos.

Estudos da Tradução

*7. Você tem graduação em tradução ou interpretação? Sim, Não

* Qual sua formação em tradução ou interpretação?

- Bacharelado
- Mestrado
- Doutorado
- Outros (favor especificar)

*8. Você estava/está trabalhando com Estudos da Tradução ou com tradução e interpretação aos vinte e poucos anos? Se não, especifique qual era/é o seu campo geral de atuação. Sim Não

* Explique qual o seu campo de atuação por volta dos 24 anos.

*9. Quantos artigos acadêmicos ou livros você publicou sobre tradução e interpretação?
0 – 5 6 – 10 11- 20 21-30 Mais de 30.

10. Existe alguma relação importante entre seu trabalho acadêmico e sua atividade de tradutória? Deveria haver?

ABSTRACT: A survey of 305 translation scholars shows that some 96 per cent of them have translated or interpreted “on a regular basis,” with translation/interpreting being or having been a main or secondary activity for 43 percent of the scholars. Translation scholars would also seem to be particularly mobile (71 per cent have spent more than one year in a country other than their own) and come from diverse academic and professional backgrounds (33 percent were not engaged in translation and interpreting in their mid 20s). These figures indicate that translation scholars not only have considerable practical experience of translation but also come from a wide range of occupational and cultural backgrounds. Asked about desirable relations between scholarly work and professional practice, respondents indicated benefits for both sides (although a slight majority stressed a unidirectional relationship where scholarly work benefits from professional practice), and teaching is often indicated as the link between the two. However, about a quarter of the scholars indicated that there *need not* be a relationship between scholarship and professional practice.

Keywords: translation scholars; research-industry relations; translation profession; sociology of research.

Referências Bibliográficas

BROWN, Sally. 2002. *Do interpreters translate? Results of an e-mail survey of AIIC members to determine if interpreters also work as translators*. Consortium for Training Translation Teachers. <http://goo.gl/kIInas>. Acessado em outubro de 2015.

CAMINADE, Monique; PYM, Anthony. 1998. "Translator-training institutions." In *Encyclopedia of Translation Studies*, ed. by Mona Baker, 280-285. London & New York: Routledge.

CHESTERMAN, Andrew; WAGNER, Emma. 2002. *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*. Manchester: St. Jerome.

DURBAN, Chris. 2011. *Translation. Getting it Right, A Guide to Buying Translation*. Alexandria VA: American Translators Association. <http://goo.gl/gQNvXr>. Acessado em outubro de 2015.

EST (European Society for Translation Studies). 2015. *Translator Training Observatory*. <http://goo.gl/ZjAPYQ>. Acessado em outubro de 2015.

EUROPEAN COMMISSION. 2010. *Study on mobility patterns and career paths of EU researchers. Final Report*. <http://goo.gl/d2IV0D>. Acessado em outubro de 2015.

FOCK, Holger; HAAN, Martin de; LHOTOVÁ, Alena. 2008. *Comparative Income of Literary Translators in Europe*. Brussels: Conseil Européen des Associations de Traducteurs Littéraires. <http://goo.gl/7LRLtM>. Acessado em outubro de 2015.

GILE, Daniel. 1994. "Opening up in interpretation studies." In *Translation Studies: An Interdiscipline*, ed. by Mary Snell-Hornby, Franz Pöchhacker, and Klaus Kaindl, 149-158. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

NEWMARK, Peter. 1988. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press.

PYM, Anthony, GRIN, François; SFREDDO, Claudio; CHAN, Andy L. J. 2012. *The status of the translation profession in the European Union*. Luxembourg: EUROPEAN COMMISSION.

SFT (Société Française des Traducteurs). 2010. *Enquête tarifs traducteurs 2009*. <http://goo.gl/p7b2Mt>. Acessado em outubro de 2015.

Translation of "The professional backgrounds of translation scholars. Report on a survey". In *Target* 28/1, 2016. Reprinted with kind permission from John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia. [www.benjamins.com]

Data de publicação em inglês: janeiro de 2016

Data de publicação em português: 09-09-2016